

“O Leproso” – Miguel Torga¹

Foi no Doiro, numa cava. Ao meio dia, a Margarida veio trazer o jantar, e embora a sardinha salgada e o caldo de gravações tirassem a coragem ao mais pintado, a cara da rapariga desanuviava os horizontes.

Era nova, sadia, alegre e de resposta sempre na ponta da língua. Por isso sabia bem dar-lhe um apertão, passar-lhe sornamente o braço pela cintura, e ouvir-lhe depois os protestos vivos e desembaraçados.

- Ó seu alma do diabo, você cuida que isto é comida de cães?

Todo o eito se ria, a moça continuava a distribuir tigelas, e a fome, a fadiga, a injustiça, e as demais inclemências da natureza e dos homens, ficavam esquecidas por um momento.

- Toma lá tu, meu pinga-amor!

Era a vez do Julião, e o rapaz, que de fato olhava a Margarida com olhos de carneiro mal morto, não resistiu à tentação de lhe tocar no seio com as costas da mão.

- Ó meu leproso dos infernos! Olha que eu atiro-te o cesto ao focinho!

Houve um largo riso de galhofa, mas houve também um estalo na consciência do Julião. Leproso!

A sua íntima inquietação, a sua desconfiança contínua e já velha, ouviam pela primeira vez uma resposta, trágica como uma sentença de condenação: leproso!

Havia muito que qualquer coisa em si medrava como o fungo nas espigas verdes. Cresciam-lhe na cara gomos de carne dura, insensível e vermelha. Desconhecia, porém, a gravidade do mal, e ninguém, até ali, tivera a crueldade de lho nomear. Amofinado de angústia, estudava ao espelho, com minúcias de investigador, as sutis modificações da expressão, a transfiguração progressiva do rosto, mas o chamadoiro da sua desgraça era um mistério. E o que o coração temia sem saber, o que a razão não descobrira claramente, estava ali irreparável e cruel: leproso.

Calou-se, engoliu a custo duas garfadas, foi pôr a malga quase intacta no cesto, e sentou-se a uma sombra, a bater estupidamente com um pedaço de pedra no moirão da ramada.

- Ó Julião, tu parece que não esperavas pela resposta? – gracejou um companheiro.

- Não...

Eram todos amigos, daquela amizade possível entre gente rude e sacrificada, sem licença para aventuras intensas do coração e do entendimento. Escravos de uma terra hostil e de uma sociedade hostil, simples e toscos instrumentos de produção nas mãos injustas da vida, como poderiam eles descer à grande fundura dos sentimentos limados e gratuitos? Gostavam dele como de um camarada de suor, prontos evidentemente a abandoná-lo se lhes disputasse a bica de água ou a sombra do descanso.

¹ TORGA, Miguel. ‘O leproso’. Novos Contos da Montanha. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999, pp. 63-79, edição original de 1944. Miguel Torga é pseudônimo do médico Adolfo Correia da Rocha (1907-1995), nascido em Trás-os-Montes, autor de romances, peças teatrais e contos.

- Não faças caso, homem!

Mas também eles tinham ouvido a palavra reveladora, e também eles acordavam para uma compreensão exata do seu significado. E ao despegar, à noite, havia já em todos um sentimento de cautela, de resguardo, que insensivelmente os ia afastando dele como de coisa imunda e contagiosa.

- Hoje na cava, à hora do almoço, a Margarida chamou leproso ao Julião. E se, calhar, aqueles nascidos na cara...

- Leproso?! Santíssimo Sacramento! E a gente a comer com ele do mesmo prato!

Era um toque a rebate de cima a baixo, uma instintiva solidariedade de defesa da tribo.

- Jesus, Maria! Lepra?!

E abruptamente, da noite para o dia, o Julião encontrou-se só, danado, excomungado, olhado como um inimigo repelente.

- Então vossemecê não precisa da gente para a malhada?

- Não. Já tenho.

- E de um homem que lhe roce o mato?

- Também não. Este ano remedeio-me assim.

Batiam-lhe com a porta na cara, sem piedade, cruel e friamente.

- Tu chega-te para lá! - gritou-lhe o Travassos, em plena feira, quando ele se aproximava de uma saca de pão.

Ainda lhe passou pelos olhos um relâmpago de sangue. Mas acabou por reconhecer que, desgraçadamente, o outro tinha razão. O seu mal pegava-se e era a praga mais negra que se podia rogar a alguém. E, em vez de reagir, começou a miná-lo uma tristeza resignada, apática e cheia de perdão. Ou da fraqueza que sentia, ou da doença, ou a malucar na sorte, passava os dias deitado ao sol, numa aceitação mansa da condenação.

- Então tu ficas assim, não dás um passo para te tratar?

Foi um velho, o Januário, que teve a humanidade destas palavras. Talvez porque a vida já lhe pesava pouco e começava a ver o destino de cada alma a uma luz transcendente, rompeu a muralha de nojo, que a povoação construía à volta do infeliz, e chegou-se a ele com este bálsamo.

- Vai ao médico, homem! Pode nem ser o que dizem... E se for, trata-te. Hoje cura-se muita coisa. Dás entrada num hospital...

O Julião ouvia-o como se as palavras que dizia tivessem um som doirado e viessem de mundos só de paz e de amor. Há muito que se esquecera da antiga e natural voz humana, quente e aproximadora. Só se lembrava do gume das últimas ofensas, do círculo de rumor hostil que o rodeava.

- Ó ti Januário, bem haja! Bem haja!

O outro partiu, e ele ficou a relembrar a doçura do conselho, a encostar todas as chagas à suavidade daquela ternura.

- E é que vou mesmo! - disse por fim com decisão, como se quebrasse corajosamente invisíveis amarras que o prendessem.

Estava fraco e maltrapilho. Mas, com as fracas forças e a fraca roupa, lá se arrastou a Sanfins e bateu à porta do doutor, que o atendeu da janela.

- Queria consultar vossa senhoria...

- Muito bem, desço já.

Antes mesmo de se queixar, leu a sentença nos olhos arregalados e perscrutadores do médico.

- Onde é você?

- De Loivos.

- É curioso que nunca lá vi casos destes... Há quanto tempo isto lhe apareceu?

- Sempre é lepra?

O médico olhou-o, coçou a cabeça, pôs-se a mexer nos papéis da mesa, e acabou por dizer a triste verdade.

- Pois é, é... Infelizmente, é.

Nem falaram de remédios, nem de hospital, nem de nada. Despediram-se o mais tristemente possível, sem o doente perguntar quanto devia e sem o médico indicar o que era conveniente fazer. Ambos se resignavam sem luta àquela fatalidade monstruosa. O doutor ficava com o nome miraculoso e com a sabedoria inútil; o gafado ia mostrar ao mundo, de mão estendida, a sua repugnante desgraça.

Propriamente em Loivos davam-lhe pouco. O fato de ser da terra, um testemunho, portanto, de que nela cresciam tão negros males, e um sentimento estranho de defesa irracional impediam-nos de qualquer ato generoso para com ele. Mas os povos em volta, precisamente por razões opostas, recebiam-no caridosamente, solidários com uma dor que não lhes envergonhava o berço e os comovia apenas durante os segundos de um padrenosso.

Uma estranha mudança se operava entretanto na alma de Julião. À medida que o tempo passava e que a doença se tornava mais evidente, nascia-lhe um maior apego à vida. E também, com o andar dos tempos, uma raiva funda a Loivos lhe crescia no peito. À primeira aceitação pacífica e humilde da reação desumana do povo, sucedera-se uma consciência clara e pungente de aviltamento injusto. Uma fatalidade superior a todas as forças escolhera-o para vítima indefesa. E os amigos, os vizinhos, a gente com quem nascera, brincara, mourejara de manhã à noite, corriam-no do afeto e das portas como um cão danado!

Ódio. Ódio era o que lhe pedia hora a hora o coração, outrora limpo e generoso, e agora a empurrar um sangue podre e abjeto. E entre este rancor aos que no passado amara, e a procura contínua de qualquer remédio impossível que o livrasse da pesada cruz, passava o tempo.

- Você já experimentou azeite? – perguntou-lhe um dia em S. Cibrão uma velhota. – Dizem que é como quem dá um talhadoiro. Tem é de se tomar um banho nele.

A economia de pedinte que o Julião organizara metodicamente permitira-lhe já ensaiar mil mezinhas, um ror de drogas, e consultar até a santa de Nogueiredo. Melhoras nenhuma, infelizmente. Mas, quanto mais a via fugir, mais amava a vida. Caíra-lhe ainda há pouco o polegar direito, a cara, inchada, nodulosa e deformada, dava-lhe um estranho e horrível ar de bicho, não sentia pedaços inteiros do corpo. Amava, contudo, o mundo e queria continuar seu filho. Do fundo do poço onde dia a dia iam ficando enterrados, os seus olhos cada vez gostavam mais de ver a clara nitidez do sol.

- E que azeite é? – perguntou, com a sofreguidão que punha sempre em cada esperança nova.

- Azeite natural, da comida. Azeite.

A colheita do ano fora escassa e a região de Loivos não era rica em olivais. O Julião porém, com manha, lamúrias e algum dinheiro, lá conseguiu que em Paradela lhe cedessem um cântaro dele. E já na semana seguinte pôde usar a receita.

Foi em plena serra e no tanque da fonte da Senhora da Agonia que fez a aplicação. Esvaziou o depósito de pedra, tapou-o, deitou-lhe dentro o líquido milagroso, e despiu-se, seguro que ninguém o surpreenderia, porque escolhera a hora da sesta e a capela ficava num ermo. Só ele e a santa podiam olhar aquele monte de carne a apodrecer, a despegar-se, e ao mesmo tempo a dar uma impressão grotesca de renovo, numa proliferação desconforme.

Do mocetão que fora há pouco tempo ainda, restava agora um trambolho, engelhado aqui, balofo adiante, comido de mal da raiz à ponta. Os pés eram patorras informes, onde não se viam unhas nem veias; as pernas, ulceradas, pareciam pinheiros cascalhudos, sangrados sem piedade; no peito, medravam a esmo caroços, sôfregos como cogumelos num toco carunchoso. Mas no rosto é que os estragos da devastação se mostravam mais cruéis. Dir-se-ia que lhe tinham colado à cara natural bocados toscos de barro vermelho, numa tentação demoníaca de caricatura impiedosa. Nenhuma imaginação humana, por mais rica e ruim, seria capaz de deformar tanto a fisionomia dum ser.

Mas ainda assim o Julião teve fé. Olhou-se compassivamente, deixou que duas lágrimas rolassem vagarosamente dos olhos inflamados por sobre os tortulhões dos maldades, e meteu-se dentro da pia.

O azeite fino de Paradela brilhava ao sol como um loiro e delido mel. E o corpo podre, daí a nada, coberto dele, era uma estranha fonte, a deixar escorrer em cascata fios leves e ligeiros, que a luz tornava quase irreais.

Infelizmente, as chagas e os bubões da lepra foram insensíveis ao banho purificador. E o Julião, depois de alguns dias de esperança, incerteza e desilusão, esqueceu-se de si e da sua tragédia, para começar a pensar noutra coisa: reaver os cinqüenta mil réis que dera pelo remédio enganador.

Na mesma vasilha onde o trouxera de Paradela, aí o tinha ele, um pouco minguido, é certo, mas transparente e perfumado. Quem seria capaz de lho comprar?

Pensou, pensou, e o ódio cada vez mais vivo que tinha a Loivos mostrou-lhe a solução do caso. O Nunes, pois quem havia de ser?

Pela calada da noite, meteu-se a caminho. E quando o dia rompia fresco e limpo, estava ele à porta do vendeiro a oferecer a mercadoria.

- Não compro coisas roubadas – disse o Nunes, com a alma de traficante a fazer contas ao lucro.

- À salvação que não é roubado! Foram-me dando umas pingas, juntei-as, e agora vendo-o por inteiro. Há-de faltar pouco para um cântaro...

- Ora deixa lá ver...

- É fino, que lho digo eu...

- É de azeitonas, olha a riqueza! E não chega à medida... Se queres trinta mil réis...

E é se me garantes...

- Então se eu o fosse roubar, não roubaria o cântaro inteiro? Valha-o Deus!...

Os trinta escudos entraram no bolso sujo do Julião, o líquido sumiu-se na fundura de uma talha, e a vida continuou.

Mas depois de o azeite consumido no caldo verde que Loivos comeu nessa semana, sem se saber de onde vinha nem de quem, uma notícia aterradora começou a correr de boca em boca:

- O Julião tomou banho num almude de azeite e vendeu-o depois ao Nunes...
- Ó mulher, nem a rir me digas isso!
- É verdade!

Ficavam como petrificados, invadidos de nojo, agoniados, a deitar contas à última almotolia que tinham comprado. E no fim, quando a dura certeza se lhes impunha, queriam arrancar o estômago, as entranhas, purificar-se da peçonha, vomitar no mesmo instante a lepra de que já se sentiam contaminados.

- Excomungado seja ele nas profundas dos infernos! Que nem os ossos lhe tenham descanso na sepultura! Que nem a terra o coma!

Eram pragas desmedidas, impotentes, saídas de todas as bocas e de todos os corações. Ninguém se lembrava de fazer um exame de consciência a ver se alguma razão poderia atenuar as culpas do desgraçado. Cegamente e instintivamente, atiravam-lhe as piores pedradas que podiam, somente a espumar e a ranger os dentes.

Passada essa hora de pânico, começou a devassa cautelosa ao número exato dos consumidores do veneno. Prudente, a terra queria saber ao certo quem era puro ou impuro.

Para agradar aos mais poderosos, que melhor o podiam defender da ira dos outros, o Nunes ia revelando à boca pequena o nome de alguns fregueses a quem vendera da negada mixórdia. E cada denúncia aumentava o monturo intangível dos condenados. Até que ao fim de pouco tempo contavam-se pelos dedos as exceções. Ou porque o Nunes mentia, ou porque os sujos queriam conspurcar os limpos, ou porque é uma natural tendência dos homens baralhar o jogo, e morra Sansão e quantos aqui estão, segue-se que em breve já não se sabia verdadeiramente quem em Loivos estava maculado ou não. E o recurso era vigiarem-se mutuamente, e cada qual a si mesmo, calados, sorrateiros e apavorados. Esperavam todos pelo brotar da semente maldita que a mão excomungada semeara neles.

Mas como ninguém viu, ao fim de um espaço que lhes parecer de pesadelo, apareceu com sinais do mal, e como as sachas, as regas, as malhadas e as romarias podiam mais do que uns simples litros de óleo engolidos e digeridos, a luz do caso começou a apagar-se.

Estava contudo cada vez mais aceso o rancor ao Julião e as romarias. Ao labéu infamante do seu mal nado e criado no povo, juntara-se o pecado mortal do atentado contra a existência de cada um. E a terra inteira, irredutivelmente, determinou que aquele filho vil nunca mais lhe pisasse o chão.

Cada vez mais repugnante, o leproso continuava a esmolar pelas redondezas. Depois das crianças, eram agora os adultos que lhe fugiam horrorizados. E a esmola vinha-lhe na ponta dos dedos, ou caía das varandas na copa furada do chapéu. Mas insistia em viver, agrado dos montes, da neve, das árvores, da vida, afinal. A consciência do que fizera àqueles que por ser infeliz o renegaram, arredava-o, temeroso, dos termos do lugar nativo. Olhava de longe a povoação e, embora odiasse os homens, sentia uma ternura singular pelos pardieiros onde o tempo pusera uma beleza que não encontrava em mais parte nenhuma. Fugia contudo dela como de uma perdição.

- De onde é você?
- De Loivos.

E continuava a caminhar no sentido oposto das palavras.

Não estava velho ainda. Se o dedo do destino não lhe tivesse tocado, seria agora um homem no vigor dos anos, cheio de seiva madura e de serena esperança. Mas desmantelado pela gangrena, putrefato e repelente, via a morte aproximar-se dele minuto a minuto.

Foi num Agosto quente, seco, que sentiu a sombra da sua derradeira hora. E, por (p.